

Emerson J. Prates – Juiz OBJO/FOB
texto e fotos

Melhorando a qualidade dos Periquitos Ondulados Ingleses

5ª parte

1.2. O comportamento dos periquitos australianos em cativeiro (3ª parte):

Antes de prosseguir nas observações sobre o comportamento do periquito em cativeiro devo ressaltar algo muito básico que criadores principiantes costumam esquecer: *sem reprodução não há melhoramento genético do plantel*. Pois, não basta manter um plantel com excepcionais periquitos, campeões regionais, estaduais brasileiros ou até mesmo mundiais, que não... *reproduzem*.

O periquito pode ser um *gentleman*, impecável, com altura e largura da cabeça excepcionais. Com direção de penas aos lados da cabeça perfeita, formando um chapéu volumoso e com a cara cheia (boa distância entre olhos e carúncula). Com postura magnífica no poleiro (o periquito fica quase totalmente em pé no poleiro e olha para baixo ainda), tem comportamento vivaz na gaiola, porém, é muito equilibrado mantendo-se calmo quando é manipulado. Entretanto, na reprodução é um completo fracasso (tem criador que vai até coçar a cabeça de indignação nesse momento porque isso realmente acontece). Mas, por outro lado, é contra produtor de manter muitos periquitos que *reproduzem* muito, porém, não produzem nenhum ou na melhor das hipóteses poucos bons filhotes.

E o que seria a reprodução afinal? Reproduzir seria o ato de produzir uma descendência. A finalidade da reprodução, no final das contas, seria a de transferir genes de uma geração a outra sem muitos apelos românticos. Na realidade a reprodução envolve algumas fases. A primeira seria a de compatibilização do casal que tem como expressão o *grooming* (ou catação) da cabeça do parceiro. Além de permitir a limpeza de área de difícil acesso para o indivíduo sozinho, a catação da cabeça reforça os laços sociais, pois, seria uma expressão de "confiança" no parceiro, necessária para estabelecer uma família.

Pode, porém, haver problemas nessa primeira fase quando o criador melhorador escolhe um casal que julgue reunir os atributos necessários para formar ou dar continuidade a uma linhagem. Já foram discutidas antes as possíveis saídas para sanar esse problema. Uma delas seria individualizar a fêmea junto ao ninho, na gaiola criadeira, e após ser verificado que a fêmea está entrando efetivamente no ninho, colocar o macho selecionado na mesma gaiola (lembramos que isso nem sempre funciona e dependerá das

diferenças individuais relacionadas ao comportamento dos periquitos de acordo com o que foi comentado antes).

Na segunda fase há a escolha de um local que deve ser devidamente preparado para receber os ovos e a prole. No caso específico dos periquitos não há a construção de um ninho pronto para o casal. Na natureza seria a fêmea quem selecionaria uma fenda numa árvore e ali prepararia pra não dizer construiria um ninho. Aparentemente fêmeas jovens gastam mais tempo nessa tarefa de preparar (roer) o ninho em relação a fêmeas mais velhas. O problema que pode surgir nessa fase está relacionado a qualidade da madeira utilizada na marcenaria para confeccionar o ninho. Segundo a minha experiência, os periquitos não são muito chegados a madeiras como o cedro e dever-se-ia evita-las (o cedro produz um repelente natural de insetos que os periquitos parecem não gostar). A madeira mais indicada, em minha opinião, seria o pinheiro. Mas, preferencialmente a araucária, pois, o *pinus sp.*, comum, seria muito mole e alguns periquitos rapidamente devorariam o ninho (a madeira oferece fósforo extra para nutrir uma provável carência alimentar). Em termos comportamentais teríamos o problema de fêmeas que não entram no ninho, parecendo não se adaptar a gaiola apesar da madeira ser adequada para o ninho. Uma saída seria inverter o lado do ninho na gaiola ou transferir

Ovos e filhotes pequenos podem ser mais facilmente confundidos com os próprios ovos e filhotes do casal.

o casal para uma voadeira ou bateria mais ampla ou um viveiro. Percebi que algumas fêmeas preferem um ninho interno no qual possam pousar em cima antes de adentrá-lo.

Com a cavidade do ninho preparada pela fêmea, temos a terceira fase da reprodução que seria a cópula. Durante a cópula, pode acontecer uma série de problemas nem sempre relacionados propriamente à fertilidade fisiológica. Os periquitos possuem um ritual de acasalamento muito específico. O macho costuma bater o bico no da fêmea e logo após executa um blefe de regurgitar-lhe alimento. A oferta de alimento a fêmea por parte do macho é universal nas aves. O comportamento de oferecer alimento nos periquitos seria provavelmente um indício de que o macho está



violeta

apto a auxiliar no transporte de comida para a futura prole e consistiria em uma tentativa de convencer a parceira a copular com ele. Nem sempre após esse convencimento o macho obtém sucesso, pois, deve antes subir nas costas da fêmea e depois tentar encaixar a cloaca na dela, dando-lhe um abraço com uma das asas para se apoiar melhor sobre o corpo da parceira.

As falhas nesse processo, segundo minha experiência, são as seguintes. Há machos que não se apóiam nas costas da fêmea por possuírem algum defeito nas patas, ou seja, não conseguem fechar as patas para poderem se agarrar com firmeza nas penas das costas ou asas da fêmea. Outros machos parecem não saber em qual lado devem se encaixar na fêmea e tentam copular de lado com companheira. Outros simplesmente parecem ter medo de subir nas costas da fêmea e outros ainda resolvem o problema copulando com poleiros e comedouros.

Por outro lado, algumas fêmeas parecem ser mais exigentes que o comum em relação aos seus parceiros e não permitem que um macho inadequado copule com elas (tal comportamento é regra nos coelhos – apenas machos que agarram as fêmeas perfeitamente conseguem copular – isso constitui um mecanismo seletivo das fêmeas para garantir ninhadas com comportamento reprodutivo adequado, já que as pressões ambientais são muito fortes na seleção natural dos coelhos, pois eles servem de alimento para muitas



cobalto

espécies de predadores). De qualquer forma se o macho não está sabendo copular, a fêmea de periquito costuma relutar e/ou derrubar o macho de suas costas como se dissesse: tente novamente!

Já os problemas copulatórios das fêmeas são distintos dos machos, lembrando que são elas as responsáveis pela reprodução na espécie. Há periquitos que simplesmente não permitem as investidas copulatórias dos machos. Algumas permanecem o tempo todo dentro do ninho saindo apenas para defecar, sendo que os machos as alimentam na entrada e/ou dentro do ninho. Outras ainda parecem se incomodar ao serem montadas pelo macho não permitindo que eles ejaculem. Outro problema ainda seriam aquelas que não sobem no poleiro por deficiência nas patas ou outro desvio comportamental o que pode levar o macho ao insucesso na tentativa de encaixar a cloaca na da fêmea, ejaculando fora do corpo dela, resultando em ovos inférteis. Minha experiência comprova que se o macho for habilidoso e verdadeiramente bom em termos de comportamento reprodutivo, ele irá fertilizar a fêmea de qualquer forma.

Porém, ainda temos os problemas biológicos que seriam a infertilidade propiciada por carência alimentar, seja por deficiências nas dietas alimentares ou conversão alimentar inadequada (que foram discutidos antes). Um erro cometido comumente entre os criadores é o entendimento do efeito da vitamina E sobre o organismo dos periquitos e outras aves. A vitamina E está envolvida na regeneração dos tecidos tanto quanto a vitamina A e outros micro-elementos. Então, seria errado dizer que ela é "a" vitamina da fertilidade. A fertilidade como todos os processos (sempre dialéticos) que indicam que um periquito esteja saudável, não é propiciada por apenas um determinado elemento específico, mas, pelo conjunto de vários elementos. Lembremos que a libido, a vontade de copular, está relacionada aos

hormônios produzidos pelas gônadas reprodutivas dos periquitos e não a uma vitamina específica. Seriam sim os hormônios os responsáveis pelo estímulo biológico que levaria a produção e ao amadurecimento posterior de óvulos e espermatozoides. Lembremos também, que oferecer uma determinada vitamina em excesso, principalmente a vitamina E que é lipossolúvel (solúvel apenas em gordura tal qual a vitamina A), levará a um armazenamento excessivo e a conseqüentes problemas hepáticos pela super dosagem da referida vitamina (hipervitaminose E).

Outros problemas de origem biológica que poderiam causar infertilidade estariam relacionados à falhas funcionais causados por desvios estruturais nos órgãos internos dos periquitos afetados. Todas as aves possuem a gônada *ovotestis* que pode apresentar em casos patológicos um funcionamento misto ou mesmo mudar totalmente de função como é o caso de parciais inversões sexuais ou, mesmo em casos extremos, levar a uma completa mudança de sexo. Em galinhas pode ocorrer esporadicamente, de uma fêmea que antes havia produzido pintinhos normalmente tornar-se, de uma hora pra outra, um galo. Desenvolvendo esporões, crista e barbelas maiores, plumagem e comportamento de corte próprios do macho.

Há, inclusive, outro problema que pode ocorrer com fêmeas de periquito relacionado à fertilização. Algumas fêmeas põem ovos que nunca são fertilizados apesar dos machos utilizados terem produzido filhotes antes e depois dos acasalamentos com tais fêmeas. Acompanhei um caso de uma fêmea de excepcional qualidade que apesar de ter sido verificado, por diversas vezes o movimento de ejaculação do macho, não resultou em nenhum momento em ovos fertilizados. O macho mencionado fertilizou posteriormente outras fêmeas nunca voltando a falhar novamente. Não há dúvida nenhuma que essa fêmea era fértil, pois, produziu muitos ovos em várias tentativas fracassadas. O fato de ter realizado posturas de ovos, indica que também produzia óvulos, pois, os óvulos das aves, répteis, peixes e anfíbios são mega-células visíveis a olho nu. A gema dos ovos é na realidade uma mega-óvulo e, segundo os especialistas, sempre é uma célula única (no caso da fêmea citada 100% dos ovos possuíam gemas). Em minha opinião, fêmeas desse tipo produzem ovos defeituosos que não permitem o desenvolvimento do embrião, ou talvez, apresentem uma falha interna nos órgãos reprodutivos que impede a chegada dos espermatozoides ao óvulo. Parece-me que essa segunda hipótese seria a mais plausível, pelo menos no caso que citei, pois, não havia nenhum indício de desenvolvimento embrionário dentro dos ovos examinados por mim (inclusive, a postura da referida fêmea não era superior a três ovos em cada rodada).

Na seqüência, a próxima fase da

reprodução dos periquitos é a postura e a incubação dos ovos. Os desvios comportamentais dos periquitos durante ou após o final da postura podem ser o abandono dos ovos pela fêmea ou a quebra de ovos pelo macho ou fêmea. Na realidade o que podemos considerar como desvio comportamental pode ser o comportamento natural dos periquitos dado as circunstâncias. Caso seja introduzido um novo macho na gaiola quando a fêmea está com ovos do macho anterior ou mesmo tenha iniciado uma postura sem macho. É comum ao recém chegado, logo após começar a catação da fêmea (ou seja estar acasalado com ela), entrar no ninho e quebrar em parte ou totalmente os ovos da nova companheira. Eu diria que esse comportamento é natural e segue a lógica do leão. Quando um leão expulsa do território o macho anterior e domina o grupo de fêmeas ele elimina todos os filhotes do macho vencido se houver. Por que ele faz isso? Será por que ele não passa de um infanticida malvado? Um cara sem coração? Não, porque a regra da natureza é clara: você não vai investir num rebento que não seja seu se você tem potencial para gerar um. Casos de adoção consciente nos animais podem ocorrer na

Antes de qualquer coisa, bons periquitos devem ser capazes de produzir descendentes.

natureza, mas, são raros. Ocorrem apenas em circunstâncias muito especiais. A lógica da natureza, como já foi discutida antes, seria a de passar os próprios genes para uma nova geração e não os genes do vizinho. Nada seria tão contra produtor para a natureza como alguém criar os filhos do vizinho que mora ao lado. Enquanto o pai está investindo numa prole ele está deixando de dispersar seus genes ou investir numa nova ninhada. Assim, é contraditório para um animal investir em filhotes que não são seus, a não ser que isso tenha algum benefício a curto prazo para ele.

As adoções que ocorrem nos periquitos, quando transferimos um ovo ou filhote de um ninho pra outro, na realidade são fruto de um engano por parte dos pais. O periquito não tem consciência de que o filhote não é seu (pra quem acha que os animais não pensam – não possuem nenhuma forma de cognição - pergunte-se como eles conseguem identificar o parceiro ou a localização do ninho num ambiente amplo). Agora se for introduzido um filhote já emplumado a coisa muda. No mínimo o casal não irá alimentá-lo, ignorando-o completamente ou, na pior das hipóteses, ele será vítima de rechaço agressivo por parte de ambos os pais adotivos. Ovos e filhotes pequenos podem ser mais facilmente confundidos com os próprios ovos e filhotes do casal.

Outra questão é o abandono do ninho.

Normalmente as fêmeas abandonam os ovos quando elas não têm condições de criar a ninhada. Isso pode ocorrer quando a fêmea está doente, com dificuldade de expelir os ovos (ovo preso) ou está colocando ovos sem casca ou com casca muito fina (ovo amolecido). Outro distúrbio comportamental é caracterizado pela incubação realizada apenas durante o dia e não durante a noite. As fêmeas simplesmente abandonam o ninho no período noturno. Ainda há fêmeas que vão para o ninho apenas quando tem que por seus ovos, sendo totalmente indiferentes a incubação. Fêmeas saudáveis não expressam esses comportamentos. Lembremos que a fêmea gasta muita energia para poder formar e ainda por os ovos e animais doentes ou mal nutridos não possuem tais condições. Sustos noturnos também podem levar a fêmea abandonar o ninho.

Mas, quando o abandono do ninho ou jogar fora os ovos pode ser considerado normal? O tempo gasto para o desenvolvimento do embrião e a eclosão de um ovo em condições normais de incubação é sempre de 18 dias para os periquitos australianos (e/ou ingleses). Há uma variação comportamental entre as fêmeas nesse item. Há fêmeas que descartam todos os ovos após o 19º dia de incubação, caso o primeiro ovo não tenha eclodido, apesar dos demais poderem eclodir. Outras parecem ser mais tolerantes e ficam chocando por mais alguns dias, sendo que, ainda outras chocam por tempo indeterminado. De qualquer forma considero ideal transferir um filhote pequeno de outro casal para a fêmea cuidar após terem se passado 19 dias de incubação. Normalmente as fêmeas adotam esses filhotes principalmente se já tenham criado ninhadas anteriores e isso pode garantir a eclosão dos últimos ovos postos evitando perder a rodada em questão.

Na última fase de reprodução temos a criação dos filhotes. Discuti alguns itens referentes a isto no último artigo, mas, há mais alguns detalhes práticos que julgo muito importantes para minimizar os problemas de manejo do plantel. Um deles corresponde às fêmeas que apresentam problemas para criar os filhotes recém nascidos. Há fêmeas que não respondem adequadamente ao estímulo dos filhotes logo após terem eclodido. Parecem ignorar completamente os apelos dados pelas vocalizações apelativas dos filhotes (choro) e não os alimentam de forma alguma. Minha experiência com essas fêmeas é interessante. Caso eu ainda não conheça o comportamento da fêmea testo-a colocando filhotes mais velhos no ninho. Quase sempre a fêmea acaba alimentando os filhotes e em alguns casos alimentam ainda melhor que outras fêmeas cujo comportamento de criar filhotes é corriqueiro.

Em outras situações há fêmeas que alimentam seus filhotes com pouca água. Isso pode ser visto nos bebedouros ainda cheios de água depois que alguns dias se passaram, apesar dos filhotes já estarem relativamente desenvolvidos. Importante é distinguir esse

problema de uma diarreia. Quando há diarreia nos filhotes o casal costuma beber mais água que o normal. Mas, a melhor forma de detectar o problema seria examinando o fundo do ninho que está sempre molhado nesses casos e verificar também se a fêmea está com as penas da face emaranhadas e sujas após sair do ninho. Outra forma seria examinar o papo dos filhotes que sempre estará cheio, mas, muito endurecido pela falta de água. Alguns filhotes podem morrer se não for detectado o problema a tempo e isso se dá pela indigestão dos alimentos. De qualquer forma o ideal é reidratar os filhotes com soro (comercial ou caseiro) independentemente se a causa do problema for comportamental (da fêmea) ou se tratar de uma infecção intestinal dos filhotes. Normalmente uso a solução morna para evitar que os filhotes regurgitem o soro. Importante lembrar que o diagnóstico diferencial apenas poderá ser feito por um veterinário especializado em pássaros, mediante um exame de fezes do casal e filhotes. O exame indicará se há a necessidade de medicação e qual dosagem será eficaz contra o agente patogênico.

Com tudo que foi discutido até aqui parece que criar periquitos ingleses não é uma tarefa fácil dado o elevado número de problemas que podem surgir durante a reprodução. Mas, na realidade sabemos que temos que pagar um preço por tentarmos reproduzir animais artificialmente e tais problemas não são exclusivos apenas dos periquitos, mas, de outras muitas espécies de aves criadas em cativeiro também.

O criador melhorador deve ter em mente que se seu plantel está apresentando problemas, a culpa não é apenas dos periquitos adquiridos ou na pior das hipóteses dos criadores que (por desventura) lhe venderam as aves. Digo que não é a melhor saída culpar nossos amigos pela nossa provável incompetência. Principalmente se adquirimos filhotes desses criadores.

No momento que identificarmos nosso fracasso como fruto de nosso desconhecimento, iremos procurar investigar o problema e tentar saná-lo. Os problemas encontrados devem ser motivos pra amadurecimento do criador e não desistências. Inclusive, qualquer criador experiente sabe que leva tempo para montar um plantel adequado à reprodução e que não basta apenas ter belíssimas aves que não reproduzem. Lembro de um amigo criador que muito crítico mencionava que queria apenas periquitos que “enchessem seus olhos”. Muito pacientemente expliquei pra ele que ele deveria querer mais periquitos que “enchessem ovos”, pois, na internet ele poderia encontrar o que procurava sem precisar fazer muito esforço.

Lembro também que meu amigo Rudi de Curitiba/PR, falando pessoalmente em alemão com Jô Mannes, disse que até mesmo ele comentou que, há periquitos que servem

apenas para exposição enquanto outros apenas para a reprodução. Vejam que Mannes fala que existem dois tipos distintos de periquitos: os que são campeões e os que produzem campeões. Eu acrescentaria ainda que haja periquitos que apenas “criam” muito bem os campeões, parafraseando criadores brasileiros importantes. Obviamente no nível que está o plantel de Jô Mannes, os periquitos que geram os campeões são os mesmos que criam os campeões, como entendi que seria o objetivo inicial desse renomado criador.

Resumo do texto:

Dicas para o melhorador:

1 – Antes de qualquer coisa, bons periquitos devem ser capazes de produzir descendentes.

2 – Podemos identificar diferentes fases durante o processo reprodutivo dos periquitos e definir quais problemas podem surgir, prevendo-nos para saná-los imediatamente.

3 – O uso de vitaminas na alimentação das aves deve ser controlado com rigor. O ideal é utilizar uma fonte de alimentação balanceada de confiança para evitar excessos alimentares que fazem mais mal do que bem a saúde de nossos valiosos periquitos.

4 – Antes de medicarmos nossos periquitos devemos consultar um veterinário.

5 – Um plantel adequado à reprodução leva tempo para ser montado e exige não só investimento financeiro para mantê-lo, mas, acima de tudo o investimento pessoal do criador em busca de conhecimento.

6 – Como criamos periquitos de porte não devemos esquecer que nem sempre um periquito campeão será produzido ou criado por pais campeões.

OBS: No presente artigo serão reeditadas algumas fotos do artigo anterior dada qualidade inferior na digitalização que apresentaram – *falha nossa e não dos editores da revista.*



verde